

**BRÔ MC'S E O RAP INDÍGENA:
UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO¹**

**BRÔ MC'S AND THE INDIGENOUS RAP
A STUDY IN THE PERSPECTIVE OF COMMUNICATION ECOLOGY**

Daniela Leopoldino da Silva²

Resumo

O presente trabalho tem por proposta abordar processos comunicacionais relacionados a produção e circulação midiática do grupo de *Rap* Indígena Brô Mc's, cujos integrantes vivem nas aldeias de Jaguapiru e Bororó, localizadas no Mato Grosso do Sul, na Reserva Indígena de Dourados, sob a luz dos estudos da Ecologia da Comunicação do pesquisador espanhol Vicente Romano. A pesquisa deu-se início devido ao diferencial de cantarem as músicas no idioma guarani, como uma tentativa de preservar a cultura da etnia Guarani-Kaiowá, na qual estão inseridos. O *corpus* do estudo é uma canção que circula na rede social digital Youtube.

Palavras-chave: Ecologia da Comunicação. *Rap* Indígena. *Rap* Brô MC's.

Abstract

The present work has the purpose of approaching communicational processes related the production and media circulation of the group of indigenous Rap Brô Mc's, whose members live in the villages of Jaguapiru and Bororó, located in Mato Grosso do Sul, in the Dourados Indigenous Reserve, under the light of the studies of the ecology of communication of the Spanish researcher Vicente Romano. The research began due to the differential of singing the songs in the Guarani language, as an attempt to preserve the culture of the Guarani-Kaiowá ethnic group, in which they are inserted. The study corpus is a song that circulates in the digital social network Youtube.

The research began because of the differential of singing the songs in the Guarani language, as an attempt to preserve the culture of the Guarani-Kaiowá ethnic group, in which they are inserted. The study corpus is a song that circulates on the digital social network Youtube.

Keywords: Communication Ecology. Indigenous Rap. Rap Brô MC's.

A Reserva Indígena de Dourados e a etnia Guarani-Kaiowá

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Ecologia comunicativa comunitária, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Mestranda em Comunicação e Cultura Midiática no PPGCOM da Universidade Paulista. Integra o Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário. Docente no curso de Comunicação da UNIFAE de São João da Boa Vista. E-mail: danileopoldino2016@gmail.com.

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, como podemos acompanhar nos livros de história, os índios sofrem com a severidade do sistema dominante colonialista europeu. Esse povo perdeu, além de suas vidas, sua autonomia política, sua diversidade cultural e territorial. Os grupos étnicos que resistiram lutam para sobreviver em um cenário que continua sendo de opressão e desigualdade em defesa de direitos ancestrais, apesar de estarem assegurados na Constituição Federal de 1988, Capítulo VIII, Dos Índios, artigo 231. Lutam, portanto, pela terra tomada, por direitos básicos como saúde e educação, dignidade, respeito e voz no combate ao preconceito e antigos estereótipos concebidos ao longo da história.

O cenário de enfrentamento entre dois mundos com visões distintas em aspectos como disputa política, econômica, social e religiosa, culminou e reflete até os dias atuais em conflitos que atenuam as diferenças e o preconceito: de um lado o índio e de outro o não-índio.

É o caso da população indígena confinada na Reserva Indígena de Dourados, localizada no Mato Grosso do Sul, que ocupa cerca de três mil hectares de terras onde abriga aproximadamente dezesseis mil habitantes das etnias Guarani, Guarani-Kaiowá, Guarani-Ñandeva e Terena, além de mestiços e não índios casados com indígenas que vivem nas aldeias. Estão concentrados na Reserva quase oitenta por cento dos índios da etnia Guarani-Kaiowá de todo território brasileiro. Para o Kaiowá, o filho da floresta, a terra é a base de sua identificação como etnia e apresenta um forte sentido comunitário.

A maior parte da população vive em condições precárias de moradia, acampados ou alojados em barracos cobertos por lonas e esquecidos pelas políticas públicas. O descaso e a degradação social que envolve a Reserva Indígena de Dourados, fez com que ficasse conhecida com o depreciativo “Favelão Indígena de Dourados”, sendo a reserva mais populosa do país.

Assim como os portugueses ignoraram a identidade dos povos indígenas, desde a época em que aqui chegaram com suas caravelas e exterminaram sua cultura e suas aldeias, a etnia Guarani-Kaiowá vem sofrendo as duras consequências da indiferença social. Nos últimos doze anos, quase quatrocentos índios Guarani-Kaiowá foram mortos, segundo documentário produzido no ano de dois mil e dezessete, pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Agrupados em reservas improdutivas, submetidos a um regime de trabalho semiescravo e despojados de suas tradições, 236 Kayowá se mataram em menos de uma década. Só em 1995, foram 54 os que cometeram o deduí, o suicídio ritual – ou rito do ‘apagar o Sol’, como os próprios índios, trágica e poeticamente, o denominam (BUENO, 2010, p.27).

Os suicídios, na maioria das vezes, motivados pela falta de expectativa de vida futura. Apesar de viverem em uma área superpovoada, o que dificulta seu desenvolvimento e compromete sua integridade, os Guarani-Kaiowá lutam pela sobrevivência e anseiam por preservar sua cultura e suas características, principalmente mantendo as tradições como as rezas, as brincadeiras e, sobretudo, a língua guarani.

Brô Mc's e o rap indígena de Dourados

“[No começo], trabalhávamos meio que escondidos, por conta das lideranças. Depois que lançamos o CD, quebramos essa barreira. Meu irmão levou um CD para apresentar para as lideranças e explicar que nossa música falava da nossa realidade. Hoje eles apoiam nosso trabalho e ajudam com as histórias, com o que querem falar.”³

Bruno Veron.

Em resposta ao descaso com seu povo e seus antepassados, um grupo composto por quatro jovens indígenas da etnia Guarani-Kaiowá, residentes nas aldeias de Jaguapiru e Bororo, localizadas na Reserva Indígena de Dourados, decidiram escrever letras de *rap* para reivindicar seus direitos, registrando a indignação pela falta de espaço na sociedade discriminatória e exclusiva do não-índio, levando a cultura de seu povo para além dos limites territoriais da Reserva onde estão confinados. O que torna o grupo diferenciado de outros do mesmo gênero musical é o fato de suas letras, total ou parcialmente, serem cantadas na língua guarani como forma de manter viva a cultura de seu povo.

O grupo de *rappers* indígena, considerado o primeiro do gênero a lançar um CD demo, ou seja, com gravação musical demonstrativa, é formado pelos irmãos Bruno e Clemerson Venon e Kelvin e Charlie Peixoto, motivo que gerou o nome Brô, que vem da palavra em inglês *brother*.

³ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/16/Quem-s%C3%A3o-os-Br%C3%B4-MCs-primeiro-grupo-de-rap-ind%C3%ADgena-do-Brasil>> Acesso em 10 set de 2018.

Figura 1: Brô MC's



Fonte: Nexo Jornal (foto: Goldemberg Fonseca/divulgação)

Bruno deu início ao grupo quando começou rimar guarani com língua portuguesa para a apresentação de um trabalho na Escola Municipal Indígena Araporã, no ano de dois mil e seis. Na ocasião, o diretor da escola pediu que apresentassem um trabalho sobre meio ambiente em um formato diferenciado. Nesse momento foram surgindo rimas mesclando guarani e língua portuguesa no ritmo embalado pelo *hip hop*, que os jovens já conheciam por influência de artistas norte-americanos e também pelo trabalho do grupo brasileiro Racionais Mc's, liderado pelo músico Mano Brown.

O que no início apresentava um caráter amador, pois tudo era executado pelos próprios integrantes do grupo, transformou-se em profissional ao receber auxílio da CUFA (Central Única das Favelas – Núcleo de MS) entre outros colaboradores. Apenas em dois mil e nove, Bruno uniu-se aos outros colegas para formarem o grupo e gravarem o primeiro disco compacto.

Segundo informações do vídeo documentário produzido pela CUFA, publicado no YouTube no canal Cufatvddos e publicado em julho de 2010, com o *rap* eles podem levar mensagens positivas para a população da aldeia e fora dela, mostrando por esse canal a identidade de seu povo. É a oportunidade de mostrar ao não-índio o que é a cultura Guarani-Kaiowá. O *rap* cumpre seu papel como uma ferramenta de protesto contra o preconceito e o racismo e mostra a importância da participação dos indivíduos em ambientes comunicativos, a fim de tomarem consciência de suas responsabilidades no ambiente comunicacional onde estão inseridos.

Apesar do receio em serem rejeitados pelo público, assim como, não conseguirem permissão das lideranças da aldeia começaram a realizar, com o apoio da CUFA,
VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - São Paulo – 2018

apresentações públicas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Brasília, onde inclusive se apresentaram na posse da presidente Dilma Rousseff, no ano de dois mil e onze. Uma de suas canções intitulada Terra Vermelha, cujo verso diz que “orgulho é respeitar o nosso povo”, fez parte da trilha sonora de um curta-metragem apresentado no Festival Internacional de Cinema de Berlim, no ano de dois mil e dezessete aborda como tema central a questão da demarcação de terras.

As letras, total ou parcialmente, em guarani servem para registrar a identidade dos integrantes, além de ser um diferencial entre outros músicos da mesma categoria. Basicamente, as mensagens contidas nas letras relatam o dia-a-dia dos jovens indígenas nas aldeias onde vivem, abordando temas como a violência dentro da própria Reserva e a discriminação fora dela, além de denunciar o desprezo e o preconceito contra o índio.

Cantam e representam em seus poemas a fé, a resistência, o pertencimento à terra sagrada, ou seja, o Tekoha, sendo:

TEKO pode ser entendido como ser, jeito de ser, estado de vida, hábito, costume, a maneira de viver específica dos Kaiowá, o lugar onde se vive conforme os próprios costumes (MONTROYA, 186, p. 37); HA, que significa instrumento com o qual se faz as coisas, lugar, intento; TEKOKHA pode ser entendido como um lugar onde se realiza o TEKO, o lugar onde se vive conforme os próprios costumes (MELIÁ, 1980, p. 47). Para o guarani, o tekoha tem características físicas e geográficas específicas. É algo divino, oferecido pelo Deus criador a eles (LIMBERTI, 2009).

A resiliência também está presente nas composições do grupo de *rappers* indígena, como é possível observar na canção Koangagua: “com a minha música lavo meu rosto” e em Eju Orendive: “Agora eu mostro pra você que sou capaz e estou aqui”, duas produções que se transformaram em videoclipes veiculados e que circulam na rede social digital Youtube e, que juntos, obtiveram mais de quatrocentas e oitenta mil visualizações⁴.

A proposta do grupo como uma forma de resistência, além de influenciar outros jovens das aldeias Jaguapiru e Bororo, onde residem, localizadas próximas à zona urbana da cidade de Dourados, desperta o interesse na pesquisa, sobretudo às manifestações que vão ao encontro dos movimentos realizados por pequenos grupos contra-hegemônicos que lutam para manter sua coletividade, valorizando a cultura nativa.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg>> 368.617 visualizações. Acesso em 10 set 2018 e Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBafJIZxT6s>> 115.136 visualizações. Acesso em 10 set de 2018.

Brô Mc's: a tensão entre o midiático e o não midiático e a ecologia da comunicação

“Para nós é uma honra apresentar a voz indígena no Mato Grosso do Sul, da aldeia para fora, para não-indígenas conhecerem. Mostrar como é a nossa visão da nossa aldeia. Aqui é totalmente diferente, o lado da história é bem outro. Não moramos em ocas, não vivemos nus.”⁵

Bruno Veron.

Este artigo propõe uma breve leitura e análise da letra Koangagua, cujo videoclipe foi lançado em dois mil e quinze, pelo Canal Guateka - canal do YouTube criado para divulgar a cultura indígena. Ela apresenta uma tensão entre mostrar-se diferente (Falo a verdade e não quero ser igual a você) e uma proximidade externa (A igualdade desespera, é confusa a confusão). O índio como ele se vê e o índio como é visto pelo não-índio. Na sequência segue a letra em guarani e sua tradução (RIBEIRO, 2017) para análise.

Koangagua

Hai amoite ndoikua' ai mbaeve | Korap oguarê amoite tenonde | Apuka penderehe, nde ave reikotevê | Che ñe'e avamba'e oi chendive | Añe'e haetegua ndaikosei ndechagua | Aporahei opaichagua ajahechuka | Ava mombeuha ava koangagua | Rap ochechuka upea ha'e tegua.

Koa mombeuha ape orereta | Orejavegua ndo aleike repuka | Nandejara ochecha upea tuicha | Uperupi aha mombyryma aguata | Jaha ke ndeava ara ohasa | Ndo aleike nderea upeicha javya | Jaikoporã ñande rekoporã | Koanga jahecha ñande hente ovyapa.

Ara ohasa upeicha che aha | Ymã ovyapa | Ara ohasa upeicha che aha | Ymã ovyapa | Ymã ovyapa.

Ara ipoti heta hente petei | Guyirá kwera oveve | Ovy'a onondive | Mesmo upeicha ave umi hente oikwa'a seve | Hikwai oikwa'a sevê soke operde | Jornalpe oje'ê opaicha ole'ê | Tevêpe oje'ê opaicha oñe'ê | Oikuakwê hina oi hikwai ko oñomi | Soke hente ave oi Iñe'ê hantãva oi | Ndo alei reñe'ê reñe'ê mbarei | Upeicha ivaí nderehechai nde reikwa'ai | Umi hente do ikwaai.

⁵ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/16/Quem-s%C3%A3o-os-Br%C3%B4-MCs-primeiro-grupo-de-rap-ind%C3%ADgena-do-Brasil>> Acesso em 10 set de 2018.

Bom dia boa tarde ndo je'ei ko ape avape | Soke agwatá | Ahahape ahechuká | Che mboraheipe ajovahei | Ndajaoi há nem da ei | Nde reikwa che aikwaava | Será pa remombeuta | Reñe'ê ko mbarei.

Ara ohasa upeicha che aha | Ymã ovyapa | Ara ohasa upeicha che aha | Ymã ovyapa | Ymã ovyapa.

Koangagua - Nos dias de hoje

Nos dias de hoje.

Esse som é massa.

Põe aí pra gente ouvir.

Olha lá.

Eles não sabem de nada.

Esse rap chegou lá na frente.

Dou risada de vocês, agora que você precisa.

Porque minha fala é forte e está comigo.

Falo a verdade e não quero ser igual a você.

Canto vários temas e isso que venho mostrando.

Voz indígena é a voz de agora.

O rap mostra o que é a verdade.

Essa é a verdade e aqui nós somos a banca.

E a nossa galera está com a gente.

Só não pode dar risada.

Porque Deus está vendo e ele é grande.

E assim sigo em frente.

Já estou indo longe.

Vamos nós indígenas porque o tempo está passando.

Só não pode cair, pra a gente ser feliz.

Pra gente viver bem.

Pra ter uma vida boa.

E com isso a gente vê o povo feliz.

O tempo vai passando e assim vou caminhando.

Antigamente era muito mais feliz.

O céu está limpo, no meio de todos existe.
Os pássaros voam.
Juntos são felizes.
Mas mesmo alguns se acham.
Esses querem saber mais.
Que os outros vão perder.
No jornal fala várias coisas.
A TV mostra várias coisas.
A verdade existe só que eles escondem.
Mas, existem pessoas com a ideia forte.
Não fale não fale bobagem.
Assim é feio, você não sabe, você não viu.
Eles não sabem.
Bom dia, boa tarde, não se fala para um índio.
Mas caminhamos.
Onde eu vou eu mostro.
Com a minha música lavo meu rosto.
Não estou xingando nem estou falando.
Você sabe que eu sei.
Mas será que você vai contar?
Vê se não fale à toa.
Nunca fale à toa
O tempo vai passando e assim vou caminhando.
Antigamente era muito mais feliz.
Nos dias de hoje ninguém sabe a quantas anda.
Manda quem pode, pode quem manda.
Nos dias de hoje não sentimos confiança.
Salva-se a música e siga a dança.
Nos dias de hoje ninguém sabe o que o espera.
Se é inverno ou primavera, indiferença ou compaixão.
Nos dias de hoje a justiça não impera.
A igualdade desespera, é confusa a confusão.

Salva-se o amor.

Salva-se a esperança.

Salvam-se os olhos duma criança.

Salva-se a honra.

Salva-se a paz.

Salvam-se os beijos que tu me dás.

Nos dias de hoje ninguém sabe o amanhã.

E fazer planos é coisa vã.

Nos dias de hoje já não há motivação.

P'ra dar às balas o coração.

Nos dias de hoje ninguém sabe o que o espera.

Se é um sonho ou uma quimera ter saudades do futuro.

Nos dias de hoje ninguém põe as mãos no fogo.

Por um amanhã mais novo, por um amanhã mais puro.

Destaca-se o último trecho (Nos dias de hoje ninguém sabe o amanhã./ E fazer planos é coisa vã./ Nos dias de hoje já não há motivação./ P'ra dar às balas o coração./ Nos dias de hoje ninguém sabe o que o espera./ Se é um sonho ou uma quimera ter saudades do futuro./ Nos dias de hoje ninguém põe as mãos no fogo./ Por um amanhã mais novo, por um amanhã mais puro) uma passagem que se alinha às ideias do espanhol Vicente Romano e sua Ecologia da Comunicação, analisando a competência comunicativa em relação à capacidade de perceber o entorno natural e social e interagir com esse ambiente, projetando dessa maneira o passado no amanhã.

Os jovens *rappers* indígenas da Reserva de Dourados usam as composições como representação do trauma, em várias passagens, tecendo narrativas de resiliência que se formam a partir de seu entorno e que segundo Cyrulnik (2005), resignificam e dão um novo sentido à realidade em que vivem, ou seja, apropriando-se da metáfora apresentada por Menezes “comunicação como colo, espaço onde os seres humanos, bebês ou já adultos, se debatem, se acalmam, pulam, gritam, choram, esperneiam e também podem se sentir tranquilos, envolvidos e protegidos” (Menezes, 2016, p.31).

O tema central faz referência ao tempo/espaço onde o passado demonstra saudosismo (Antigamente era muito mais feliz), o presente soa como um convite à luta e a defesa da

identidade de seu povo (Nos dias de hoje/ Voz indígena é a voz de agora/ Vamos nós indígenas porque o tempo está passando) e futuro como uma incerteza (Nos dias de hoje ninguém sabe o amanhã/ Nos dias de hoje ninguém sabe o que o espera).

Referências

- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história – cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2010.
- CUFA. **Ms entrevista Brô Mc's - Parte 2**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o4fAVnWQT8M>>. Acesso em set 2018.
- CUFA. **Ms entrevista Brô Mc's - Parte 1**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DV91uRs2CDg>>. Acesso em set 2018.
- CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. **O índio guarani-kaiowá da reserva indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil: um olhar semiótico**. 2009. Polifonia, v.15, n.18, p.169-184.
- MENEZES, José Eugênio de O. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. 1ed. São Paulo: UNI, 2016.
- _____. **Ecologia da comunicação: som, corpo e cultura do ouvir**. Texto apresentado e debatido no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação e Cultura do 24º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, Brasília, jun de 2015.
- NEXO JORNAL. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/16/Quem-s%C3%A3o-os-Br%C3%B4-MCs-primeiro-grupo-de-rap-ind%C3%ADgena-do-Brasil>>. Acesso em set 2018.
- ONU lança documentário '**Guarani e Kaiowá: pelo direito de viver no Tekoha**' Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ED5rHU1YEKE> Publicado em 12 de set de 2017
- RIBEIRO, Ricardo. Tradução de Koangagua/ **Nos dias de hoje**. In: <<http://www.letras.com.br/ricardo-ribeiro/nos-dias-de-hoje>>. Acesso em 21 de junho de 2018.
- ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.
- SANTANA, Jorge Alves e TRINDADE, Israel Elias. **Brô Mc's e os agenciamentos discursivos transculturais Guarani-Kaiowá**. 2017. Revista Humanidades e Inovação v.4, n.3. p.221-234.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.